

GEORGE ORWELL E A ESQUERDA INGLESA:
Caminhos que se entrecruzam pela Práxis e o Romantismo

GEORGE ORWELL AND THE ENGLISH LEFT:
Ways that intercross through Praxis and the Romanticism

MIRIAM MENDONÇA MARTINS¹

RESUMO

Este artigo analisa as interlocuções entre a obra de George Orwell e dois expoentes da esquerda inglesa, E. P. Thompson e Raymond Williams. Embora esses autores tenham negado a importância de George Orwell para o pensamento crítico de esquerda, acreditamos que suas ideias se entrecruzam através da práxis e do romantismo. Baseados nas pesquisas de Michael Löwy e Robert Sayre acerca do romantismo como uma visão de mundo, pretendemos evidenciar o quanto o projeto político de George Orwell dialoga com o pensamento de autores consagrados pela tradição marxista. Assim como Walter Benjamin e Antonio Gramsci, o literato inglês respondera ao chamado de sua época, comprometendo-se política e socialmente com o combate ao fascismo. Ainda que a sua perspectiva política tenha alternado, ao longo das décadas de 30 e 40, entre a revolução e o reformismo, George Orwell reafirmaria o seu compromisso com o socialismo democrático até a sua morte.

Palavras-Chave: George Orwell. Práxis. Romantismo. Esquerda inglesa. Socialismo democrático.

ABSTRACT

This article analyzes the interlocutions between the George Orwell's work and two exponents of the English left, E. P. Thompson and Raymond Williams. Although these authors had denied the George Orwell's importance for the left critical thought, we believe that his ideas intercross through praxis and romanticism. Relying on the studys of Michael Löwy and Robert Sayre about the romanticism as a worldview, we intend to highlight how much the George Orwell's political project dialogues with the thought of the renowned authors by marxist tradition. As well as Walter Benjamin and Antonio Gramsci, the English literate had responded to the call of his time, committing hisself politically and socially to the fight against fascism. Even his political perspective had alternated, throughout the 30s and 40s, between the revolution and the reformism, George Orwell would reaffirm his compromise with the democratic socialism until his death.

Keywords: George Orwell. Praxis. Romanticism. English Left-Wing. Democratic Socialism.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU/PPGHIS).
E-mail: mmm.miriam.martins@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em 21 de outubro de 1932, o *Brixton Free Press* trouxe em sua primeira página a seguinte manchete: “Polícia ataca desempregados turbulentos”. Tratava-se de mais um tumulto causado pela fome. Em Lambeth – bairro pobre do sul de Londres –, a manhã de 18 de outubro despontou em polvorosa. Lojas foram invadidas e saqueadas pela turba, os manifestantes entraram em confronto com a polícia e dezenas foram presos. Ainda assim, os protestos se arrastaram dias a fio. Entre 27 e 30 de outubro, houve um grave enfrentamento no coração de Londres, protagonizado por mulheres e homens famintos e desempregados².

Eric Arthur Blair acompanhava tudo pelos jornais. Cada pedra de calçamento do cenário desses tumultos lhe era profundamente familiar, visto que ele fizera, no ano anterior, inúmeras incursões ao centro da miséria londrina. À cata de baganas em Lambeth, seu olhar havia sido treinado para encontrar, nas fissuras sinuosas da pavimentação, as pontas de cigarros recém-apagados. Ofício tedioso, sem dúvida, mas era apenas um dos muitos passatempos empreendidos pela chusma de desempregados que, impedidos de mendigar, aguardavam a abertura das *Workhouses* para fazerem a primeira refeição do dia. Afortunadamente, Blair era um privilegiado: quando bem lhe aprouvesse poderia retornar ao conforto de seu lar com aquecimento no inverno. Contudo, ele jamais seria capaz de conter os sobressaltos provenientes da leitura de jornais matutinos. Em carta à sua amiga Eleanor Jaques [19 de outubro de 1932], encontramos, acerca dos últimos acontecimentos, o comentário que se segue;

Os jornais dessa manhã noticiam distúrbios bastante graves em Lambeth, em torno da prefeitura. Foi evidentemente um distúrbio da fome, pois as padarias foram saqueadas. Isso aponta para condições muito graves e pode ser o diabo no inverno, se as coisas já estão tão ruins agora. Espero, no entanto, que façam o suficiente para evitar que aconteça alguma coisa violenta. Eu conheço muito bem o bairro onde a coisa aconteceu e ousou dizer que alguns de meus amigos participaram dela (ORWELL, 2013, p. 57).

² Ver ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 56-57.

Em 1931, a Europa vivia o maior colapso financeiro desde a Grande Depressão. Em *História de Inglaterra* (1914-1945), A. J. P. Taylor destaca que a dívida externa do país alcançara a estarrecedora soma de 700 milhões de libras. A fim de restaurar a confiança internacional na moeda inglesa, as soluções para a crise foram buscadas nos cortes de gastos do governo – sobretudo no fundo de desemprego – e no aumento dos impostos. A guerra de classes, adormecida durante toda a segunda metade dos anos 20, renovou-se. O corte de 10% do apoio a desempregados mergulhou o país no submundo da fome. Havia nada menos que “dois milhões de desempregados vivendo em circunstâncias duras”, o que fez com que os anos 30 ficassem conhecidos como “a década negra, para os que viveram nela e para a posteridade” (TAYLOR, 1989, p. 312). O acirramento da luta de classes foi marcado pelas marchas da fome: manifestações de ingleses famélicos e desempregados que perduraram durante todo o ano de 1932. De acordo com Taylor, a presença abundante de *cockneys* do East End invadindo as padarias do centro londrino em busca de comida havia se tornado, naquela época, um episódio quase habitual. Embora surtiram poucos efeitos, as marchas da fome sensibilizaram a sociedade civil da situação calamitosa enfrentada pelo país. De modo que “as pessoas da classe média sentiram o chamado da consciência. Levantaram postos de comida grátis para os manifestantes, e lhes deram dormitório nas escolas locais” (TAYLOR, 1989, p. 316).

Em *A formação da classe operária inglesa*, E. P. Thompson nos permite assegurar que semelhantes distúrbios eram uma espécie de herança social, dado que a fome causara tumultos recorrentes ao longo dos séculos na Inglaterra. Durante todo o século XVIII, por exemplo, foram registrados repetidos casos de ações turbulentas articuladas sob bases populares e legitimadas por profundas tradições. A gritaria generalizada e o saque a lojas amparavam-se no pressuposto de uma economia moral em que os salários e o custo dos víveres deveriam ser orientados pelo costume. Considerava-se “imoral qualquer método desonesto de aumentar o preço dos alimentos, para se aproveitar das necessidades do povo” (THOMPSON, 1987, v. 1, p. 66). O ano de 1795, em especial, foi palco de agitações efervescentes, já que a multidão londrina – movida pela carestia e incitada pelas

ideias jacobinas – dera vazão a uma energia revolucionária. A repressão a tal impulso não foi menos vigorosa, de modo que a transição para uma economia livre de mercado, fomentada pela Revolução Industrial, processou-se em paralelo às sanções coercivas germinadas no seio da contrarrevolução. Nesse contexto, o agravamento da divisão de classes na Inglaterra relegou os trabalhadores a um estado de *apartheid* em que os “direitos sociais e políticos recuavam à medida que as novas técnicas e formas de organização industrial avançavam” (THOMPSON, 1987, v. 1, p. 196). Os efeitos deletérios desse processo arrastaram-se, evidentemente, para as páginas do *Brixton Free Press* – como uma herança maldita que volta e meia suscitava distúrbios inflamados tanto pela fome, quanto pela renhida objeção ao fenecimento no monturo da indigência.

Inumeráveis escritores aventuraram-se na sondagem das condições de vida e formas de sobrevivência dos sujeitos relegados às franjas do novo sistema econômico e social desenhado pelo industrialismo. Em *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* [1845] – um dos relatos precursores do gênero –, Friedrich Engels elabora as mais variadas reflexões acerca do operariado inglês, em razão de vinte e um meses de convivência com o mesmo. Dirigindo-se aos protagonistas de sua pesquisa como a leitores potenciais, Engels lhes confia que ansiava “ser uma testemunha de suas lutas contra o poder social e político de seus opressores” (ENGELS, 2010, p. 37). A recusa por um conhecimento apenas abstrato do tema estimulou, a partir da segunda metade do século XIX, o desenvolvimento de uma prática jornalística – posteriormente conceituada como *undercover journalism* – permeada por diferentes concepções ideológicas a respeito do modo de vida nos substratos da sociedade moderna. Os efeitos produzidos por esses relatos matizavam-se consoante ao grau de aceitação alcançado pelo jornalista em seu disfarce. Somente a camuflagem poderia conferir ao observador uma experiência de *insider*, assegurando-lhe acesso irrestrito à comunidade objeto de sua investigação. O caráter de denúncia assumido por tais reportagens atraiu simpatizantes nos mais diversos domínios, sobretudo no meio literário. Havia, nessas incursões, uma necessidade flagrante de aceder ao centro da ação mediante a experiência concreta. Não por acaso, em *O povo do abismo* [1903], Jack London desafiaria seus leitores a uma visita aos miseráveis de *East End*, de maneira a

convencerem-se “pelas evidências” de seus olhos, “e não pelos ensinamentos de quem pouco havia visto” (LONDON, 2004, p. 65).

Mapeando historicamente a origem do interesse pelos modos de vida e formas de sobrevivência dos membros da classe trabalhadora, retornamos ao surgimento do realismo literário na primeira metade do século XIX. O jornalismo investigativo é herdeiro da tradição realista moderna que se iniciou na França, como consequência direta da Revolução Francesa. Em *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental* [1946], Erich Auerbach pontua que a Revolução de 1789, enquanto “o primeiro grande movimento moderno em que participaram as grandes massas humanas”, foi responsável por inaugurar o protagonismo das pessoas simples na escrita da História e nos enredos da Literatura (AUERBACH, 2021, p. 490). Em 1830, por representarem a vida contemporânea em sua totalidade social, política e econômica, Stendhal e Balzac foram considerados por Auerbach como os precursores do realismo literário³. As diversas gerações seguintes de realistas – dos irmãos Goncourt a Gustave Flaubert – se desenvolveriam sob a influência do “entusiasmo científico dos primeiros decênios do Positivismo”, de forma que o conceito de experiência concreta passou a ser admitido como o método mais válido para a representação literária (AUERBACH, 2021, p. 534). Na esteira desse processo, Émile Zola se consagraria como um dos maiores nomes do realismo moderno, escrevendo romances fundamentados nas suas experiências e observações pessoais. *Germinal* [1888], por exemplo, é o resultado literário de mais de dois meses de convivência direta entre os operários franceses em greve, um dos livros que inspirou dezenas de escritores a fazerem a sua obra “a partir dos grandes problemas sociais da época” (AUERBACH, 2021, p. 551).

A opinião cautelosa manifesta por Eric Arthur Blair na aludida passagem de sua correspondência sobrevém, portanto, de uma compreensão pragmática dos acontecimentos. Na iminência de desdobramentos violentos, a sublevação em Lambeth tratava-se, inicialmente, de um incidente a ser contido. Ora, “conhecendo muito bem” as condições em que “a coisa aconteceu”⁴, não caberia alimentar

³ Ver AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George Bernard Sperber. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021, p. 496.

⁴ Ver ORWELL, George. *Uma vida em cartas*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 56-57.

expectativas quanto à organização politicamente subversiva do fenômeno. *Na pior em Paris e Londres* [1933] – sua primeira lição prática como *insider* em meio à pobreza – já estava no prelo. Após o lançamento, Blair deveria não só assinar como George Orwell, mas, nomeadamente, sopesar seus julgamentos por intermédio de dados e impressões registrados durante a realização dessas observações. Em direção à miríade de sobreviventes dos subterrâneos inópios da década de 30, os primeiros passos de sua carreira literária foram orientados pelo desafio imprimido por Jack London. Tal como esse, George Orwell exploraria o mundo do trabalho em suas diversas facetas. Conquanto, muito além de circunscrever-se à categoria de relato-denúncia, o seu primeiro livro revelaria um interesse – continuamente renovado *a posteriori* – pelo protagonismo dos sujeitos anônimos: trabalhadores e desempregados esquecidos nas fímbrias pustulentas do sistema capitalista.

Em *Cultura e Sociedade*, Raymond Williams pondera que as observações do literato inglês sobre o mundo do trabalho são registros filtrados por um sujeito que se afasta de sua classe para contemplar outra, inevitavelmente, de um ponto de vista exterior. Sob esse ângulo, Orwell é um repórter que jamais compreenderá, “em profundidade, a vida a respeito da qual escreve” (WILLIAMS, 1969, p. 299). Há nos seus escritos, todavia, certo pioneirismo concernente à representação dos trabalhadores enquanto agentes sociais que transformam a necessidade de sobrevivência em formas de resistência. Assim, vez ou outra somos surpreendidos pela presença despretensiosa de um *plongeur* que, em sua resistência silenciosa e passiva, torce “um pano de prato sujo na sopa do cliente antes de servi-la, apenas para se vingar de um membro da burguesia” (ORWELL, 2006, p. 130). Noutra ocasião, nos comovemos com a solidariedade horizontal da classe operária inglesa. Ora, fosse onde fosse que se reunisse, “havia uma partilha geral de comida e era consenso dar alimento àqueles que estavam desempregados” (ORWELL, 2006, p. 153). Apesar das inúmeras críticas pontuadas pela *New Left* à sua obra, podemos dizer que Orwell estava delineando o que apenas três décadas depois os marxistas ingleses anunciariam como um movimento historiográfico: a escrita enquanto testemunho da práxis, cujo fim último visa conferir destaque às experiências do sujeito comum. Não gratuitamente, Williams reconhece, em *A política e as letras*, que “nos anos 1950, a figura de Orwell parecia estar nos

esperando em qualquer caminho pelo qual nos movêssemos. Se tentássemos desenvolver um novo tipo de análise cultural, lá estava Orwell. Se quiséssemos reportar o trabalho ou a vida cotidiana, lá estava Orwell” (WILLIAMS, 2013, p. 393).

Apesar das recorrentes tentativas de negação do espólio intelectual de George Orwell para a contribuição crítica do pensamento de esquerda britânico⁵, Raymond Williams situa a obra do referido literato na tradição de combate ao capitalismo e ao industrialismo, encabeçada por autores como John Ruskin e Bernard Shaw. Conforme veremos mais adiante, o debate acerca do pensamento político de Orwell e os caminhos assumidos por ele até o entrecruzamento com as ideias de autores ligados à tradição marxista estende-se, ampla e visceralmente, pelas veredas sinuosas da práxis e do romantismo. É somente através delas que podemos arriscar dizer que o humanismo socialista de E. P. Thompson comunga da mesma visão de mundo do socialismo democrático de Orwell, embora ambos estejam separados pelo marxismo como *modus operandi*. De igual forma, dentro do espectro abrangente do romantismo, a preocupação de Orwell com a ameaça do fascismo alcança quase o mesmo tom agudo e diáfano dos escritos de Antonio Gramsci e Walter Benjamin sobre o tema. O que os torna tão próximos e equivalentes é, talvez, o fato de cada um deles ter respondido, a seu modo, ao chamado social de sua época.

1. O Romantismo como via de mão única

No ensaio “Outside the Whale” – presente em *The Poverty of Theory and Other Essays* –, E. P. Thompson evidencia que Orwell seria aprisionado em *Animal Farm* e *Nineteen Eighty-Four*, em virtude do imenso efeito antissocialista fomentado por estas obras. A rejeição indiscriminada do literato inglês à doutrina do Partido Comunista “possibilitou o desenvolvimento de um pessimismo generalizado que sobreviveu ao contexto em que surgiu”. Se na década de 40, a sua oposição à ortodoxia comunista fora tomada como uma provocação, nos anos 60, transformou-se em uma avaliação histórica séria. Ora, a rebeldia sem causa e pouco fundamentada dos anos 60 forneceu o terreno fértil para uma leitura a-histórica de

⁵ Ver WILLIAMS, Raymond. *George Orwell*. New York: The Viking Press, 1971.

1984. Nas palavras de Thompson, “o desencantamento da geração de Orwell ajudou a cegar a geração posterior”, minando a esperança no “potencial revolucionário, não apenas dentro da sociedade russa, mas dentro de qualquer sociedade, dentro do próprio homem” (THOMPSON, 2008, p. 298-301).

Atribuir tais reflexões a um impasse de ordem ideológica daria ensejo a uma análise por demais rasa das causas que envolvem a negação do espólio intelectual de George Orwell por parte da esquerda. É preciso levar em conta que neste caso o contexto histórico exerce, a um só tempo, a dupla função de pano de fundo e ponto central ao qual todo o resto se movimenta. O fato é que as circunstâncias históricas fizeram dos anos 30 a nota tônica do século XX. Em *Era dos Extremos*, Eric Hobsbawm (1995, p. 174-176) pontua que o avanço do fascismo na Europa, bem como a ameaça real de uma invasão nazista à Grã-Bretanha – mitigada apenas em 1941, quando do irromper de uma segunda frente de batalha em território russo –, transformaram a URSS no baluarte da democracia: o personagem determinante no confronto ao fascismo. Diante dessa conjuntura, parecia não haver espaço para especulações sobre a legitimidade dos Processos de Moscou, a atuação fratricida dos generais soviéticos na Guerra Civil Espanhola, ou até mesmo a ruptura do Pacto *Molotov-Ribbentrop* – assinado dois anos antes. Conforme Thompson, era preciso não oferecer resistência às forças do imperativo histórico que transformavam a luta por liberdade, igualdade e fraternidade em um processo mundial. Fazia-se improrrogável uma “resposta política àquele contexto político definido”, por isso, “entre 1941 e 1945, ocorreu o maior influxo de intelectuais registrados nos Partidos Comunistas da Europa” (THOMPSON, 2008, p. 304). As diferenças ideológicas foram postas de lado, como se houvesse um acordo tácito pela suspensão temporária dos dilemas morais, em benefício da formação de uma frente única dirigida por atores conscientes da disputa que ora travavam pela história.

As expectativas revolucionárias da geração de Orwell, alimentadas pela tradição humanista que se formara após a Revolução Francesa, foram canalizadas pelos eventos deflagrados na Espanha de 1936. Em *George Orwell: uma biografia política*, John Newsinger (2010, p. 139) destaca que muitos intelectuais e artistas projetaram naquele contexto as esperanças de uma revolução socialista. Com efeito, o ímpeto insurgente que conduziu centenas deles ao engajamento nas milícias

catalãs e madrilenas fundava-se na perigosa assimetria entre as aspirações idealistas e a realidade concreta. Quando esta última sobressaiu-se à primeira, a geração de 30 entregou-se, segundo Thompson (2002, p. 90-91) em *Os românticos*, a um desencantamento muito similar ao experimentado pelos poetas associados, retroativamente, às origens do movimento romântico na Inglaterra. Desapontados com o malogro da insurreição de 1795 e frustrados com o curso assumido pela Revolução Francesa, Coleridge e Wordsworth negaram quaisquer referenciais objetivos passíveis de promover novas mudanças sociais.

A Guerra Civil Espanhola acendeu nos artistas do século XX a mesma chama que a Revolução Francesa fizera arder nas mentes líricas dos homens de letras, quase um século e meio antes. Nos dois casos, as crenças políticas do humanismo viram-se profundamente abaladas quando a realidade concreta destruiu a golpes de martelo as aspirações idealistas. Enquanto a geração de Wordsworth conseguira “transformar a desilusão em grande arte”, a geração de Orwell, “transpondo a etapa da apostasia”, produziu o arsenal ideológico que seria utilizado contra as convicções políticas outrora defendidas (THOMPSON, 2002, 99-100). Ante a impossibilidade de correspondência entre o ideal e o real, Wordsworth apegara-se a um objetivo moral sem valor, a fim de suportar as tensões entre “uma visão do espírito universal e as marchas e contramarchas dos exércitos através da Europa” (THOMPSON, 2002, p. 95). Semelhante padrão de pensamento, conceituado por Thompson como o *impulso wordsworthiano*, encontrara – com o avanço do fascismo e as incertezas quanto ao futuro do ideal democrático – novas mentes para germinar.

Em *Revolta e Melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*, Löwy e Sayre consideram excessivamente limitado situar a gênese do romantismo na desilusão política que se seguiu à Revolução Francesa, como proposto por E. P. Thompson. Convencionou-se associá-lo ao século XIX e aos poetas ingleses Coleridge e Wordsworth, todavia, Löwy e Sayre defendem que o seu nascimento está estreitamente atrelado ao desenvolvimento do modo de vida capitalista. Mais do que um movimento artístico datado, os autores definem-no como uma “estrutura mental coletiva” que surgiu como “resposta ao advento do capitalismo” (LÖWY; SAYRE, 2015, 34-38). Assim, o romantismo como visão de mundo – e não como movimento artístico – pode ser situado em meados do século XVIII, quando o

sistema capitalista e a sociedade burguesa já estavam plenamente estabelecidos. Apesar de suas muitas alterações, o capitalismo adentrou os séculos até os nossos dias, de forma coextensiva, as manifestações românticas fizeram-se presentes na cultura ocidental. Facilmente identificáveis, a crítica romântica à modernidade sustenta-se no enaltecimento de ideais e valores do passado. A tradição e o senso de comunidade das sociedades pré-capitalistas são exaltados, em detrimento das relações vazias e artificiais da vida moderna. A visão de mundo romântica encontra-se fundamentada em toda uma estrutura de pensamento, cujos temas mais comuns aparecem na cultura sob as formas de “desencantamento do mundo, crítica da quantificação, da mecanização, da abstração racionalista, do Estado, da política moderna, e da dissolução dos vínculos sociais” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 194).

Nos romances de Orwell, a visão de mundo romântica aparece condensada nos pensamentos e ações dos protagonistas que, no geral, são sujeitos desencantados com a vida moderna, buscando a sua identidade no senso de pertencimento a uma comunidade que promova relações sociais mais significativas. Esse é o caso, por exemplo, de Gordon Comstock, o herói de *A flor da Inglaterra* [1936]. Vivendo em Londres, aos seus olhos, a cidade tomava a forma de “quilômetros e mais quilômetros de casinhas solitárias, não eram lares nem comunidades, só aglomerados de vidas sem sentido que rumavam à deriva para a sepultura em meio a uma espécie de caos sonolento!” (ORWELL, 2007, p. 108). A falta de propósito na vida de Comstock confunde-se com a própria falta de sentido da vida moderna. À espera de que a guerra que se avizinhava destruísse toda a civilização europeia, “a sensação de desintegração, de decomposição, endêmica no nosso tempo, impunha-se a ele com toda a força”. O herói, ao mesmo tempo que sucumbe ao desespero e ao fracasso pessoal, busca tormentosamente uma forma de salvação, algum meio de abster-se a tomar parte no “grande desejo de morte do mundo moderno. Pactos suicidas. Cabeças enfiadas no forno a gás de conjugados solitários. E a reverberação de guerras futuras” (ORWELL, 2007, p. 26). A redenção, finalmente, é atingida quando Gordon Comstock constitui a sua família e passa a pertencer a uma comunidade. A partir daí, ele não está mais sozinho no mundo, dado que estabelece vínculos sociais duradouros com os membros da classe média baixa, a qual passa a pertencer. A sua última reflexão é, como veremos a seguir,

uma ode ao modo de vida do homem comum, um dos traços mais característicos da visão de mundo romântica que se destaca em toda a produção artística e ensaística de George Orwell;

Nossa civilização está fundada na cobiça e no medo, mas na vida dos homens comuns o medo e a cobiça transmudam-se misteriosamente em algo mais nobre. Os membros da classe média baixa que ali viviam, por trás de suas cortinas de renda, com seus filhos, seus móveis descombinados e suas aspidistras – viviam de acordo com o código do dinheiro, claro, mas ainda assim conseguiam manter-se decentes. [...]. Eles tinham seus padrões, seus pontos de honra invioláveis (ORWELL, 2007, p. 295-296).

O *impulso wordsworthiano* não é, por assim dizer, o único padrão de pensamento legado pelos poetas ingleses aos seus epígonos do século XX. E. P. Thompson sustenta que o cerne do conflito entre as aspirações idealistas e a realidade concreta reside na deificação da “experiência daqueles que se encontram fora da cultura letrada” (THOMPSON, 2002, p. 28). Rastreado as origens desse fenômeno nos escritos de Coleridge, Thompson conclui que o referido poeta conferiu à visão de mundo romântica um senso de valor que superestima a cultura comum e os padrões da comunidade simples, em detrimento da educação formal e seus atributos racionais. Desenvolvida através de “experiências no trabalho, no sofrimento e de relações humanas básicas”, a concepção da “igualdade de valor do homem comum repousa em atributos morais e espirituais” perenes (THOMPSON, 2002, p. 25). Da forma como é elaborada, a mesma apresenta-se como inacessível ao movimento dialético da história. Ora, a despeito de qualquer atuação social ou política desempenhada, a condição de superioridade moral dos sujeitos simplórios estará sempre pressuposta.

Arthur Koestler, em seu livro *En busca de la utopía*, reflete exatamente sobre como os anos 30 e 40 foram marcados tanto pelo culto às experiências do homem comum, quanto pela depreciação à *intelligentsia*. Naquele contexto de polarização política, fosse à direita ou à esquerda, diversos escritores rendiam louvores ao operariado; como uma “nova variante dos cultos românticos aos pastores, aos camponeses e aos bons selvagens do passado” (KOESTLER, 1983, p. 78). Conquanto não se tratasse de uma tendência essencialmente progressista, foi entre

os grupos aglutinados em torno deste viés político que tal visão de mundo mais fortemente se desenvolveu. Acreditava-se que o “instinto de consciência de classe estava enraizado à condição do proletariado”, por isso “os membros da classe trabalhadora, de qualquer nível de inteligência e educação, sempre tinham um enfoque mais correto com respeito a qualquer problema político do que um intelectual instruído” (KOESTLER, 1983, p. 111).

Corolário dessa perspectiva, Orwell nos diz que “qualquer trabalhador sempre é um socialista mais verdadeiro do que o marxista ortodoxo”, acima de tudo porque a práxis faz parte de seu cotidiano, não sendo, apenas, um conceito abstrato retirado dos livros (ORWELL, 2010, p. 197-199). Significativamente, Löwy e Sayre assinalam que, quase um século e meio antes, a angústia quanto ao caráter abstrato das teorias revolucionárias suscitara inúmeros questionamentos no jovem Coleridge, incitando-o a buscar o sentido, mais profundo, de uma “fraternidade que deve arraigar-se nas ligações humanas concretas” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 159). Embora Thompson credite essas expressões ao retorno a um padrão de pensamento que se manifesta nos períodos de crise política, não podemos deixar de destacar que a geração de Orwell fora muito influenciada pelo debate acerca da produção de uma literatura realista, cuja razão de ser centrava-se na elaboração de narrativas que conferissem visibilidade às experiências objetivas da classe trabalhadora.

Operado por diferentes núcleos da *intelligentsia* marxista na Europa, George Lukács destacou-se nas contribuições referentes a essa abordagem. Em seu ensaio “Trata-se do Realismo” [1938], o filósofo húngaro defende que a literatura realista, em oposição à vanguardista, é emissária de uma mensagem social que deve estar em estreito “desenvolvimento progressista com as próprias experiências das massas” (LUKÁCS, 1998, p. 229). A demanda por uma arte engajada e popular suplantou as fronteiras erigidas pela ortodoxia, vindo a tornar-se, naqueles anos, predicado formal para a representação literária. Na França, essa discussão foi encabeçada por Jean-Paul Sartre. Em *Que é a literatura* [1947], ele nos diz o quanto a historicidade daquela época impusera ao escritor a inevitabilidade de concordância entre o ser e o fazer. Não havia como ficar alheio às imposições sociais que exigiam do artista um compromisso com a literatura da práxis, cujo tema por excelência

relacionava-se ao operário que “reivindica o direito de fazer a história”, enquanto agente “produtor e revolucionário” (SARTRE, 2015, p. 185). A ética da literatura engajada impedia, no entanto, que o escritor dispusesse seus serviços a soldo de grupos políticos ou alinhamentos ideológicos, uma vez que o pressuposto de liberdade é, nada mais, do que a essência própria do agir consciente do literato no mundo. Inquerido sobre o ajustamento partidário ao comunismo, Sartre seria categórico ao afirmar que “a política do comunismo stalinista é incompatível com o exercício honesto do ofício literário” (SARTRE, 2015, p.188).

Dissidente assumido, George Orwell tomou parte nessa discussão, sendo por ela profundamente influenciado. Em seu ensaio “A literatura e a esquerda” [1943], ele nos diz que “considerando a época em que vivemos, a crítica literária de esquerda não tem errado ao solicitar que a literatura seja primordial e principalmente propaganda”; acessível e consumida pelo homem comum (ORWELL, 2017, p. 51). O empenho em simplificar a escrita, tornando-a concisa e certa, ocupou uma parte muito expressiva da reflexão que dispensara ao ofício. Incansavelmente esquadrihado tanto nos ensaios – dentre os quais, o mais conhecido é, sem dúvida, “A Política e a Língua Inglesa” [1945] –, quanto nos escritos pessoais, o compromisso com a linguagem demótica apresenta-se reiteradamente reafirmado no conjunto de sua obra. Nos *Diários*, por exemplo, Orwell pondera acerca da “falta de impacto das palavras abstratas”, bem como sobre a dificuldade da cultura letrada em produzir qualquer conteúdo que “toque a classe trabalhadora mais pobre, ou mesmo que seja nitidamente inteligível” (ORWELL, 2014, p. 386).

E. P. Thompson julga que semelhante crítica à cultura letrada é um reflexo involuntário da visão de mundo romântica. Em *Lyrical Ballads* [1798], Coleridge e Wordsworth propuseram transformar cada poema em uma experiência correspondente ao sistema de valores da cultura popular. A enunciação clara respaldava-se, entretanto, na pressuposição da desigualdade cognitiva do sujeito comum, visto que o acesso deste ao mundo das letras estava condicionado pela necessária interlocução entre a escrita e a oralidade. Os poetas ingleses incorriam, assim, a uma variante mais sofisticada do paternalismo, na medida em que empreendiam esforços para tornar a cultura letrada acessível ao entendimento do homem vulgar. Ora, a educação formal nunca esteve avessa ao mundo do trabalho,

muitos cronistas do movimento operário “eram trabalhadores autodidatas, que se sobressaíam por esforços de autodisciplina” (THOMPSON, 1987, v. 1, p. 61). Mesmo nas cidades industriais do norte da Inglaterra, alguns tecelões amalgamavam os fios fortes do popular e do erudito no hábito de apoiar um livro no tear para lê-lo durante o trabalho. Há, inclusive, registros que dão conta de histórias de trabalhadores de aldeias isoladas que, em 1830, “aprenderam geometria sozinhos, escrevendo com giz sobre lajes, e que discutiam avidamente problemas de cálculo diferencial” (THOMPSON, 1987, v. 2, p. 146-147).

Ainda que E. P. Thompson – muito influenciado pela tese de Lukács acerca do romantismo como uma estrutura de pensamento reacionária – vincule as ideias paternalistas à visão de mundo romântica, Löwy e Sayre defendem que o romantismo é a engrenagem central da grande maquinaria do pensamento de esquerda na Inglaterra. No artigo “A corrente romântica nas ciências sociais da Inglaterra: Edward P. Thompson e Raymond Williams”, os autores refletem que os ingleses são herdeiros de uma longa tradição de pensamento crítico ao capitalismo, remontando a figuras como Carlyle, Ruskin e William Morris. O interesse de Thompson por manifestações tradicionais da cultura comum, bem como por formas de organização social pré-capitalista – em *Senhores e Caçadores* –, para não dizer seu fascínio pessoal por William Morris, demonstra que “a visão romântica do mundo corre como um fio vermelho através dos seus escritos políticos, teóricos e historiográficos” (LÖWY; SAYRE, 1999, p. 47). A antipatia de Thompson pela idealização romântica do modo de vida do homem comum, assim como pelo apelo passadista a um mundo bucólico e ausente de conflitos, justifica-se à luz do que ele conceituara como o *humanismo socialista*. Os sujeitos, enquanto agentes transformadores de sua própria história, são dotados de uma “natureza humana potencialmente revolucionária” (THOMPSON, 2008, p. 244). Muito além de uma atitude sonhadora e utópica quanto ao passado, o imperativo do presente é o que move os agentes sociais a fazerem do pretérito uma fonte de encorajamento para a práxis revolucionária. A função do humanismo socialista é, conseqüentemente, a de organizar as “forças reais dentro das tradições britânicas”, no sentido de encaminhá-las às “possibilidades de ação” pavimentadas por “experiências válidas” (THOMPSON, 2008, 245).

Em *Cadernos do Cárcere*, Antonio Gramsci observa que a rejeição de grandes sistemas filosóficos abstratos é cultural entre os ingleses, verificando-se, muito frequentemente, uma tendência a concepções do mundo que se apresentem “como expressões do senso comum, complementado pela crítica e pela reflexão” (GRAMSCI, 1999, V.1, p. 288). A condição experimental do senso comum, enquanto uma apreensão do mundo baseada na observação direta da realidade, nos permite auferir que o humanismo socialista de Thompson compartilha da mesma estrutura mental que comporta o anseio de Orwell por conhecer o modo de vida dos trabalhadores mediante um contato terra-a-terra. A práxis desempenha, para ambos os autores, a função de elemento catalisador da busca por uma experiência carregada de tradição, que abriga em seu ventre as sementes do ideal revolucionário. No entanto, para Orwell, o homem comum dispõe, em sua filosofia de rua, de todas as condições espirituais para a revolução; ao passo que para Thompson, é papel do humanismo socialista projetar tais condições em conjunto com os seus executores: a classe operária. Tanto num caso como noutro, destaca-se a crença no potencial revolucionário do senso comum.

Conceituado por Gramsci como uma filosofia espontânea penetrada nos costumes, o senso comum é “todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir” absorvidos “acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio” (GRAMSCI, 1999, V.1, p. 93-114). Assim como o humanismo socialista de Thompson, a filosofia da práxis de Gramsci visa orientar o homem simples à emancipação. Através da superação de preconceitos e superstições – contidos no senso comum –, aspira-se à formação de uma frente única que congregue a *intelligentsia* e a classe operária em torno de um projeto social que torne “politicamente possível o progresso intelectual de massa” (GRAMSCI, 1999, V.1, p. 103). O que há de conciliatório nos projetos políticos de Thompson, Orwell e Gramsci é, nem mais nem menos, o que os liga à visão de mundo romântica: a invocação do passado e da tradição como propulsores da práxis revolucionária. Sob tal perspectiva, as circunstâncias pouco favoráveis do presente suscitam a lembrança de um passado que, muito além de meramente contemplativa, “serve como uma arma na luta pelo futuro” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 46-47). A corriqueira

tendência romântica a uma leitura desencantada e pessimista do mundo cede lugar a um romantismo revolucionário, capaz de transformar até mesmo os mais sombrios augúrios sobre o porvir em combustível para o motor da causa progressista.

Este é o caso, por exemplo, do romance *Um pouco de ar, por favor!* [1939]. George Bowling, irmão mais velho de Gordon Comstock, alimenta a mesma frustração e desesperança quanto ao mundo moderno manifesta pelo herói de *A flor da Inglaterra*. Vivendo na Londres de 1938, na iminência de uma nova guerra, Bowling busca esconder-se em uma ilusão utópica do passado, a fim de sublimar o medo e o terror causados pelos pensamentos que lhe assaltam a mente acerca do mundo no pós-guerra. No passado, para ele, podia-se respirar ar puro e o verão parecia durar o ano inteiro; o futuro, ao contrário, desfilava ante seus olhos sob a forma de “filas para comprar comida, a polícia secreta, e os alto-falantes nos dizendo o que pensar” (ORWELL, 2021b, p. 181-182). A sua tentativa desesperada de voltar ao passado culmina com uma pequena viagem ao vilarejo em que crescera, seguida da imediata decepção com a industrialização do lugar. A Inglaterra campestre e bucólica da Era eduardiana fora esmagada pelas cidades de “tijolos vermelhos e, o rio Tâmis, contaminado por óleo de motor e sacos de papel” (ORWELL, 2021b, p. 240). De nada adiantava buscar o conforto na sensação de segurança que apenas o passado proporcionava, a vida antiga acabara, e a nova realidade exigia de cada um o sacrifício e a resiliência para suportar os tempos difíceis. George Bowling não tinha mais dúvidas de que “os cassetetes de borracha, o arame farpado, as metralhadoras cuspidas das janelas de quartos” estavam próximos demais para serem negados. A única alternativa era se preparar para lutar “contra isso, se quiser, ou olhar para o outro lado e fingir não perceber ou pegar sua chave inglesa e correr para fazer sua parte e espatifar alguns rostos” (ORWELL, 2021b, p. 254). De toda forma, a coragem para travar a luta definitiva contra a barbárie provinha da certeza de que a memória e a tradição deveriam ser preservadas.

2. O senso comum e a tradição: o passado como arma na luta ao fascismo

Em *O caminho para Wigan Pier* [1937], acompanhamos o florescer de um escritor interessado pelas questões sociais de seu país. A análise cuidadosa que George Orwell realiza das condições de vida no norte da Inglaterra o faz “adotar uma atitude bem definida acerca da questão, terrivelmente difícil, das classes sociais” (ORWELL, 2010, p. 143). É justamente nesta obra que ele se apresenta como um membro da classe média em desconstrução, empenhado em tornar-se um socialista a partir da vivência e da experiência oriundas do contato com o mundo do trabalho. Após entregar o manuscrito ao seu editor – Victor Gollancz – Orwell parte para lutar ao lado dos republicanos na Guerra Civil Espanhola. De lá, ele voltaria tal como o conhecemos hoje: um opositor feroz a toda forma de totalitarismo. O sucesso estrondoso de *A fazenda dos animais*⁶ e *1984* o levaria, postumamente, a caminhos distintos da tradição do pensamento de esquerda britânico. A partir de uma leitura que vê a obra de Orwell como “bastante reacionária devido ao anticomunismo que ajudou a desencadear no período da Guerra Fria”, E. P. Thompson e Raymond Williams buscam entender quais fatores foram determinantes para a apostasia de um escritor que “voltou da Espanha como um socialista revolucionário” e desde então, “esmagado pela experiência dos anos 30”, operou “uma mudança abrupta em sua opinião política” (WILLIAMS, 2013, p. 394-398).

Como vimos, E. P. Thompson sustenta a hipótese de que a geração de Orwell projetara na Guerra Civil Espanhola uma esperança de revolução social internacionalista sem bases efetivamente concretas. Muitos literatos, jornalistas e intelectuais partiram para a Espanha movidos por um impulso romântico e idealista que quando frustrado transformara-se, rapidamente, em desencantamento. Nessa medida, a geração de Orwell exibiu um padrão de pensamento bastante semelhante ao experimentado pelos poetas ingleses Coleridge e Wordsworth, por ocasião do desapontamento de suas expectativas com os rumos tomados pela Revolução Francesa. O que Thompson qualifica como o *impulso wordsworthiano* é, assim, a sua explicação para o que a esquerda inglesa considera como a virada

⁶ Optamos por citar a mais recente tradução da obra, organizada por Marcelo Pen e traduzida, em 2020, por Paulo Henriques Britto. Ver ORWELL, George. *A fazenda dos animais: um conto de fadas*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

conservadora de um escritor que cedeu aos impulsos pessimistas de sua época, negando a causa revolucionária em benefício da reacionária.

Alguns biógrafos e estudiosos da obra de Orwell têm apontado que a grande falha desse ponto de vista reside na conclusão de que o literato inglês abandonara a luta pela causa socialista. John Newsinger observa que “os ataques de Orwell ao comunismo não foram escritos para benefício da direita, mas numa tentativa de agrupar a esquerda contra o stalinismo” (NEWSINGER, 2010, p. 261). A força do “mito russo” exercia uma influência acachapante no movimento socialista inglês, havia a necessidade premente de buscar uma segunda via socialista emancipada da influência totalitária do comunismo soviético. No espectro político dos anos 30 e 40, Orwell vincara posição à esquerda da esquerda oficial, o que, sem dúvida, o tornara alvo tanto da rejeição destes, quanto do interesse de grupos políticos conservadores. Em *O mesmo homem: George Orwell e Evelyn Waugh no amor e na guerra*, David Lebedoff revela que o literato inglês pagara um alto preço por seu ardoroso anticomunismo, sendo visto como “um pária aos olhos de muitos de seus colegas socialistas” (LEBEDOFF, 2011, p. 214). Escrevendo nos intervalos de uma ou outra réplica a ataques publicados em jornais, a sua carreira esteve sempre marcada pela rejeição de editores que julgavam suas críticas inadequadas para o momento político em voga. A aura de devoção ao comunismo que pairava sobre o ambiente cultural britânico, volta e meia, revertia-se em achaques de intelectuais ortodoxos que odiavam “mais os seus apóstatas que os seus contrários” (LEBEDOFF, 2011, p. 214).

Em *Orwell: um homem do nosso tempo*, Richard Bradford descreve o quanto Orwell ficara preocupado e constrangido com a recepção positiva de sua última obra – *1984* – entre os círculos políticos à direita. O livro havia recebido “uma enxurrada de elogios na imprensa conservadora”, o que fez com que o seu autor prontamente se dispusesse a reafirmar o seu apoio ao socialismo democrático e ao Partido Trabalhista Britânico (BRADFORD, 2020, p. 284). John Newsinger esclarece que nos sete meses que se seguiram entre a publicação de *1984* e a sua morte, Orwell esteve profundamente abatido, não só pela luta que travara contra a tuberculose, como também pela intensa preocupação quanto à subversão da ideia que presidira a sua escrita. De modo que, “se tivesse continuado a viver, teria dado passos para

firmar a origem socialista do livro e o seu ininterrupto compromisso com o socialismo” (NEWSINGER, 2010, p. 224). A teoria de que os dissabores da luta revolucionária na Espanha abrisse uma fenda reacionária no conjunto da obra de Orwell é colocada à prova pela grande maioria dos estudiosos que se debruçam sobre a vasta produção escritural do autor. De acordo com Thomas Ricks, é leviano buscar na vida e obra do literato inglês supostos indícios de devoção a qualquer visão de mundo ortodoxa, uma vez que “o tema que atravessa poderosamente todos os seus escritos é o abuso de poder no mundo moderno, tanto pela esquerda quanto pela direita” (RICKS, 2019, p. 255).

Christopher Hitchens, um dos mais ardorosos defensores de Orwell contra as invectivas ideologizantes à sua obra, sustenta que a esperança do literato inglês na capacidade de mudança social proposta pelo socialismo nunca arrefeceu ao longo de sua carreira. Para Orwell “havia a esperança de que os socialistas poderiam ser a favor da liberdade, mesmo se o socialismo em si contivesse tendências burocráticas e autoritárias” (HITCHENS, 2010, p. 88). Não obstante, a sua concepção sobre o que conceitualizara como o “socialismo democrático” sofreu inúmeras variações ao sabor da progressão dos acontecimentos históricos vivenciados por seus contemporâneos. Ora, se na década de 30, Orwell era um revolucionário idealista crente de que a revolução socialista aboliria de vez o iníquo sistema capitalista, na década de 40, encontramos um escritor bastante cético quanto a “qualquer esperança verdadeira de mudança revolucionária no futuro próximo” (NEWSINGER, 2010, p. 183). A alteração de perspectiva política entre uma década e outra é, por pressuposto, o que suscitara a desconfiança dos intelectuais da *New Left* em relação à sua obra. No pequeno intervalo entre o desfecho da Guerra Civil Espanhola e o início da Segunda Guerra Mundial, Orwell parecia ter se entregado a um pessimismo desmesurado que se agudizou indefinidamente até 1984; seu último suspiro. Algo que, em absoluto, fez com que a “esquerda moderna nunca tenha ficado à vontade com o Orwell do pós-guerra” (RICKS, 2019, p. 255).

Baseando-nos nas recentes pesquisas desenvolvidas acerca do conjunto da obra do literato inglês, propomos uma outra leitura quanto ao pensamento político de Orwell, a partir da década de 40. O ensaio “O leão e o unicórnio: o socialismo e o gênio inglês” [1940], recém traduzido no Brasil na coletânea *Por que escrevo e*

outros ensaios, é expressivo da nova concepção de socialismo que ele começou a engendrar, muito influenciado pelos acontecimentos e incertezas vivenciados no momento de sua escrita – entre agosto e outubro de 1940 –, no auge da guerra. No referido ensaio, o escritor argumenta que o sentido de unidade nacional gerado pelo patriotismo era como uma visão de mundo para os trabalhadores ingleses, portanto, deveria ser explorado enquanto um importante instrumento de captação do interesse do homem comum pela causa do socialismo democrático. Conforme Orwell, a única maneira eficiente de atrair a classe operária é “apelando ao seu patriotismo. Um movimento socialista inteligente deve usar este patriotismo, em vez de meramente insultá-lo, como fez até aqui” (ORWELL, 2021a, p. 106).

Em *George Orwell: biografia intelectual de um guerrilheiro indesejado*, Jacinta Matos pontua que naquele momento muito específico de luta contra o nazismo de Hitler e o fascismo de Mussolini, o projeto político de Orwell tinha como pressuposto básico “reforçar a identidade nacional, levantar o moral da população e lembrar os valores a defender” (MATOS, 2019, p. 276-277). O respaldo ao patriotismo, tão duramente criticado por Thompson e Williams⁷, era a maneira que Orwell encontrara de dialogar com os valores comuns compartilhados pela massa da população inglesa. Na prática, a lógica era muito simples, enquanto a esquerda renegava o nacionalismo, a direita chegava ao poder, com o apoio das massas, mediante um discurso que tocava fundo no sentimento de união nacional. Logo, o jogo deveria ser invertido, “o patriotismo, contra o qual os socialistas lutaram por tanto tempo, tornou-se uma tremenda alavanca em suas mãos” (ORWELL, 2021a, p. 105). Em especial na Inglaterra, onde o nacionalismo era o alicerce da cultura comum do país, havia a necessidade imediata de organização de um movimento socialista que congregasse a unidade emocional das classes mais baixas – até então utilizada nas engrenagens do motor populista de direita.

Muito embora o movimento fascista inglês, concentrado em torno da figura de Oswald Mosley, não representasse qualquer ameaça à democracia, Orwell pondera que o fracasso político do movimento de extrema-direita no país era uma consequência direta da mentalidade insular do homem comum inglês. Em quase

⁷ Ver THOMPSON. E. P. *The Poverty of Theory and Other Essays*. London: Merlin, 2008. WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

todos os países, “os pobres são mais nacionalistas do que os ricos”, mas “a classe operária inglesa se destaca por sua aversão aos costumes estrangeiros” (ORWELL, 2021a, p. 61). Enquanto um movimento essencialmente oriundo da Itália, o fascismo, com seu rigor militarista e seu pendor por demonstrações de autoritarismo, era alvo de deboche entre os trabalhadores com quem Orwell travava contato. Os camisas negras britânicos – milícia paramilitar da União Britânica de Fascistas – volta e meia eram recebidos sob vaias e altas gargalhadas, logo após algum desentendimento nas reuniões esvaziadas que promoviam⁸. A insularidade dos ingleses, e a consequente aversão a qualquer reprodução irrefletida de costumes estrangeiros, “desempenha um papel na mística inglesa. No fundo, trata-se da mesma qualidade no caráter inglês que repele o turista e mantém afastado o invasor” (ORWELL, 2021a, p. 61-62).

O grande trunfo do socialismo democrático proposto por Orwell era, precisamente, o de congregar não só os operários, mas também a classe média baixa ao redor de um projeto político progressista e essencialmente inglês. O apego aos costumes tradicionais, bem como a resistência e desconfiança ao novo, eram características que uniam ambas as classes e as tornavam herdeiras de um senso comum compartilhado. Em *As utilizações da cultura*, Richard Hoggart destaca que a despeito dos novos hábitos modernos, uma camada muito expressiva da classe operária e média baixa continuava “a viver de forma tradicional vidas significativas, resistindo aos convites em contrário que lhes são dirigidos pelas influências novas” (HOGGART, 1973, v.2, p. 206). Orwell acreditava firmemente na decência das pessoas simples, um código de conduta compartilhado que as fazia “sentir da mesma forma e agir em conjunto nos momentos de crise suprema” (ORWELL, 2021a, p. 64). Em parte, esta crença fora reforçada pelo contato terra-a-terra com os trabalhadores espanhóis, durante a Guerra Civil na Espanha. De acordo com Bradford, Orwell ficara profundamente impressionado com o senso de união e decência das milícias revolucionárias catalãs, atentando-se, particularmente, à “disposição de todos, do lavrador analfabeto ao hábil artesão, para derrubar a

⁸ Ver ORWELL, George. *Diários*. Tradução de Daniela Carvalhal Garcia. Alfragide: Dom Quixote, 2014, p. 373.

ortodoxia e lutar contra aqueles que desejavam restaurá-la” (BRADFORD, 2020, p. 287).

Naqueles meses decisivos em que o destino da nação estava por ser deslindado, ante a possibilidade de uma invasão nazista em solo britânico, Orwell, inevitavelmente, parecia reviver a atmosfera geral de tensão e ansiedade que a ameaça do fascismo causara na Espanha. Os seus escritos, datados de 1940, associam, recorrentemente, a classe operária inglesa e espanhola como portadoras de culturas e visões de mundo semelhantes. É por isso que, muito influenciado pela miscelânea de segmentos políticos catalães, Orwell passara os anos de guerra refletindo “nos contornos de um socialismo democrático que, ao contrário de modelos anteriores, apelasse ao centro da nação e congregasse forças de todos os quadrantes sociais, recrutando adeptos de um vasto espectro político” (MATOS, 2019, p. 264). A estratégia a seguir parecia ser muito simples, os socialistas deveriam abrandar o seu discurso revolucionário, – repleto de jargões ininteligíveis à experiência do homem comum – de modo a atrair o maior número de sujeitos para uma causa política em que eles realmente se sentissem representados. Para tanto, a esquerda inglesa teria de abandonar suas rinhas ideológicas, em proveito da formação de uma frente democrática ampla e unida. Ao invés do já repisado conceito de luta de classes, tal frente seria presidida pelo senso universal de patriotismo, único sentimento “mais forte que o ódio de classe”, capaz de mover a nação “como um todo e na mesma direção”, tal qual “um rebanho bovino diante de um lobo” (ORWELL, 2021a, p. 62).

Semelhante proposta, em parte, era justificada por uma tentativa, algo meio desesperada, de incentivar a organização da esquerda à volta da concepção de que a guerra forjaria o cenário ideal para a revolução. Naquele momento, Orwell dava como certo que “o patriotismo e a inteligência vão ter de se encontrar de novo. O fato de estarmos travando uma guerra, e um tipo de guerra muito peculiar, é que vai tornar isso possível” (ORWELL, 2021a, p. 77). Tomando como exemplo os eventos que desencadearam a Revolução Russa e, mais contemporaneamente, a Guerra Civil Espanhola, ele supunha que a guerra traria a revolução, posto que a história mostrara que ambas caminham inseparáveis. A revolução pensada por ele era, contudo, de uma natureza muito particular. Nada de “bandeiras vermelhas e

confronto nas ruas”, as pessoas comuns tomariam o poder através de uma “revolta aberta e consciente contra os privilégios de classe” (ORWELL, 2021a, p. 92). A esquerda deveria fazer surgir um movimento socialista que abandonasse a antiquada ideia de “revolução proletária”, em nome de um novo ideário que “permita à classe trabalhadora entrever uma razão pela qual lutar e que conquiste as classes médias em vez de antagonizá-las” (ORWELL, 2021a, p. 105).

Orwell estabeleceria, nesse sentido, um diálogo profícuo com as ideias trotskistas a respeito do encaminhamento da revolução socialista na esteira da guerra. Em *Revolução e contrarrevolução na Alemanha* [1933], Leon Trotsky analisa que a Primeira Guerra Mundial abalou qualquer “perspectiva de continuidade do processo de crescimento do capitalismo”, de modo que uma guerra vindoura seria a grande oportunidade de a classe operária atirar a última pá de terra sobre o seu sepulcro (TROTSKY, 1979, 45-49). Orwell parecia estar de acordo com tal prognóstico, muito embora a ideia de revolução por ele pensada se afastasse, sobremaneira, do internacionalismo e da expectativa de rupturas estruturais na ordem vigente. A mudança abrupta na sua opinião política com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, tão assiduamente destacada por Raymond Williams⁹, não parece ter sido resultado de uma suposta virada conservadora ou reacionária. De acordo com Newsinger, ainda que o literato inglês tenha, no caso da Grã-Bretanha, “rejeitado a importância da revolução, isso não significa que rompera “o diálogo com o socialismo revolucionário” (NEWSINGER, 2010, p. 275). Na realidade, a partir da década de 40, toda a sua obra passou a ser marcada por uma espécie de trotskismo literário. Em *O ministério da verdade: uma biografia* de 1984, Dorian Lynskey (2021, p. 198) observa que, durante esse período, Orwell esteve em constante interação com os círculos políticos dissidentes, e a coleção de panfletos anarquistas e trotskistas encontrados em seus pertences é um dos muitos indícios do fato. A própria ideia de aproveitar “as convulsões sociais e econômicas inerentes a qualquer guerra” para executar a revolução é, segundo Matos, uma forte evidência do quanto

⁹ Ver WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 394.

Orwell pensava a realidade política de seu país através de conceitos trotskistas herdados, anos antes, da “linha de orientação do POUM” (MATOS, 2019, p. 261).

Salvaguardando-nos das devidas ressalvas, não seria de todo ousado dizer que o seu projeto político bebia na fonte gramsciana de criação emergente de um programa socialista que “o povo reconheça como expressão de suas necessidades vitais” (GRAMSCI, 1999, V. 1, p. 365). Ainda que a revolução não instaurasse a ditadura do proletariado, o literato inglês tinha a consciência de que o senso comum – enquanto visão de mundo do homem simples – deveria ser manejado pelos progressistas como mecanismo de cooptação dos trabalhadores. Com a ascensão meteórica do fascismo, havia a preocupação de que “a experiência cotidiana iluminada pelo ‘senso comum’, ou seja, pela concepção tradicional popular do mundo”, fosse apropriada e subvertida pelos movimentos totalitários de direita (GRAMSCI, 2017, V. 3, p. 180). Gramsci, tanto quanto Orwell, atentara-se para o fato de que a ameaça do fascismo colocava em risco não só a democracia, como também o passado e a tradição de luta e resistência das classes subalternas.

Em 1984, o pior dos cenários urdidos pelo totalitarismo, “a esperança está nos proletas”. Winston Smith crê na possibilidade de sublevação do homem simples, embora tal ação perpassasse por uma conscientização dificultada pela ausência de história. Aliados de seu passado e do arsenal de resistência amealhado pelas mentes revolucionárias de seus ancestrais, os proletas são facilmente controlados pelo Partido. A possibilidade daquelas massas – entretidas por “filmes, futebol, cerveja e, antes de mais nada, jogos de azar” – se conscientizarem “da força que possuíam” alcançava, na mente de Winston, a dimensão espiritual do milagre (ORWELL, 2009, p. 88-90). No seu íntimo, Smith pensava sob a lógica de um romântico revolucionário que, assim como Gramsci e Orwell, acreditava na ideia de que “a lembrança do passado serve como uma arma na luta pelo futuro” (LÖWY; SAYRE, 2015, p. 47). Daí a sua busca desesperada por vestígios deixados pela memória de um passado outro que não o forjado pelos manuais da história oficial do Partido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o avanço do totalitarismo na Europa, escritores como Antonio Gramsci, Walter Benjamin e o próprio George Orwell transformaram o pessimismo melancólico – tão característico do desencanto romântico com a modernidade – no que Löwy e Sayre conceituaram como uma espécie de pessimismo militante. Ignorado pelos partidos comunistas e pelos social-democratas, no início da década de 30 o fascismo era visto como um fenômeno isolado; uma loucura à italiana. Ora, não seria possível que o capitalismo evoluísse para uma versão piorada de si mesmo quando o fim de seus dias fora decretado pelo movimento dialético da história. A crença de que o progresso era o bilhete de passagem que conduziria o século XX diretamente à revolução proletária anuviava a capacidade de julgamento quanto ao risco iminente de um colapso da democracia na Europa. Na contramão do que podemos chamar de otimismo ortodoxo, em *Walter Benjamin: aviso de incêndio*, Michael Löwy destaca que assim como muitos de seus contemporâneos, Walter Benjamin refutara “a certeza da vitória inelutável das forças progressistas”, em proveito de um “pessimismo revolucionário que nada tem a ver com a resignação fatalista” (LÖWY, 2005, p. 23-75). Ao invés de alimentar a perspectiva de uma revolução socialista projetada para emancipar as gerações vindouras, Benjamin propunha que a revolução deveria ser executada como desforra do passado, em nome da memória e da tradição dos oprimidos. A sua fonte de ação haveria de provir, portanto, do mesmo objetivo universal que inspirara “a promessa não cumprida de 1789: liberdade, igualdade e fraternidade” (LÖWY, 2005, p. 154). O passado e a memória viva dos oprimidos, sustidos pelas chamas da tradição, fariam arder nas mentes dos homens comuns o fogo da resistência à opressão.

Em *O anjo da história*, Walter Benjamin tece duras críticas à social-democracia de Weimar por ter abandonado a consciência de que o operariado é a “última classe escravizada, vingadora e libertadora”. Ao projetar no futuro a colheita dos frutos da práxis revolucionária do presente, a esquerda alemã abrisse uma grande brecha ao populismo sedutor da extrema-direita. Caberia aos grupos progressistas chegarem a um “conceito de história no qual o estado de exceção” fosse a regra (BENJAMIN, 2019, p. 182-192). Rememorando as lutas dos seus antepassados, os trabalhadores buscariam em sua tradição as armas que empunhariam contra a ameaça opressora representada pelo fascismo e o nazismo.

O estado de emergência precisava ser convocado, o alarme de incêndio soaria para despertar a consciência adormecida da classe operária; única capaz de conter o avanço genocida da extrema-direita. O pessimismo de Benjamin quanto ao determinismo fatalista da ação revolucionária dos operários – tese basilar da ortodoxia marxista – circunscreve-se em um universo mental semelhante ao de George Orwell e ao de Antonio Gramsci. Todos eles acompanhavam, céticos e apreensivos, o desenrolar dos acontecimentos históricos da década de 30; e todos eles alertaram, incansavelmente, que a negligência da esquerda quanto ao perigo fascista poderia erodir a civilização europeia e os séculos de cultura humanista que a ela se somaram.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução de George Bernard Sperber. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BRADFORD, Richard. *Orwell: um homem do nosso tempo*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Tordesilhas Livros, 2020.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. V. 1.

_____. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, V. 2.

_____. *Cadernos do cárcere*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques, Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, V. 3.

HITCHENS, Christopher. *A vitória de Orwell*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura*. Tradução de Maria do Carmo Cary. Lisboa: Editorial Presença, 2. V, 1973.

KOESTLER, Arthur. *En busca de la utopía*. Traducción de David Rosebaum. Barcelona: Editorial Kairós, 1983.

LEBEDOFF, David. *O mesmo homem: George Orwell, Evelyn Waugh no amor e na guerra*. Tradução de Pedro Jorgensen. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

LYNSKEY, Dorian. *O ministério da verdade: uma biografia de 1984, o romance de George Orwell*. Tradução de Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LONDON, JACK. *O povo do abismo*. Tradução de Hélio Guimarães e Flávio Moura. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. A corrente romântica nas ciências sociais da Inglaterra: Edward P. Thompson e Raymond Williams. *Crítica Marxista*, n.8, p. 43-66, 1999.

_____. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução de Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. – São Paulo: Boitempo, 2005.

LUKÁCS, George. Trata-se do Realismo. In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. *Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre expressionismo*. São Paulo: Unesp, 1998.

MATOS, Jacinta Maria. *George Orwell: biografia intelectual de um guerrilheiro indesejado*. Lisboa: Edições 70, 2019.

NEWSINGER, John. *George Orwell: uma biografia política*. Tradução de Fernando Gonçalves. Lisboa: Antígona, 2010.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *A flor da Inglaterra*. Tradução de Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Diários*. Tradução de Daniela Carvalhal Garcia. Alfragide: Dom Quixote, 2014.

_____. *Na pior em Paris e Londres*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *O caminho para Wigan Pier*. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *O que é fascismo?: e outros ensaios*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Por que escrevo e outros ensaios*. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021a.

_____. *Um pouco de ar, por favor!* Tradução de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 2021b.

_____. *Uma vida em cartas*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

RICKS, Thomas E. *Churchill & Orwell: a luta pela liberdade*. Tradução de Rodrigo Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

TAYLOR, A. J. P. *Historia de Inglaterra (1914-1945)*. Traducción de Federico Patán. México: Fondo De Cultura Económica, 1989.

THOMPSON. E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, V. 1.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Tradução de Renato Busatto Neto e Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, V. 2.

_____. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Tradução de Sérgio Morais Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *The Poverty of Theory and Other Essays*. London: Merlin, 2008.

TROTSKY, Leon. *Revolução e Contrarrevolução na Alemanha*. São Paulo: Livraria e Editora de Ciências Humanas, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

_____. *Cultura e Sociedade – De Coleridge a Orwell*. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

_____. *George Orwell*. New York: The Viking Press, 1971.

Recebido em 19 de janeiro de 2022.

Aprovado para publicação em 13 de março de 2022.